

ANTENA

Marcelo Lima

Mãos
na obra

Interação entre corpo e móvel é foco dos jovens designers franceses na mostra VIA 2014, em Milão

Presente mais uma vez na Semana de Design de Milão, a mostra VIA 2014 tem como objetivo imediato reunir em um único lugar talentos promissores do design francês, a fim de lhes proporcionar maior visibilidade, em meio à intensa programação do circuito “fuorisaloni”. Ao longo dos anos, porém, seu alcance tem sido bem mais amplo.

“Continuamos fiéis a nosso objetivo de antecipar as mudanças sociais”, afirma Gérard Laizé, CEO da VIA, entidade que conta com apoio do governo francês e que, em seus mais de 20 anos de existência, já financiou o início de carreira de nomes consagrados, como os Irmãos Bouroullec e Matali Crasset.

Este ano, a exposição apresentou 17 novos projetos de sofás, cadeiras, mesas, luminárias e consoles. Móveis nos quais a participação ativa de seus usuários – se não durante o uso, ao menos na fase de montagem – foi um critério determinante. Assim como a preocupação de fazer do corpo um elemento essencial ao projeto.

Caso, por exemplo, da cadeira Max, de Bernard Moïse, que se apoia sobre uma gangorra de aço, oferecendo segurança total, na posição sentada ou deitada. Um princípio observado, aliás, em outra das propostas: a poltrona criada pelos estudantes Betty Montarou, Adrien Roudaut e Justine Chaumont.

Com grande ângulo de inclinação e concha revestida de couro, o móvel desenhado pelo trio permite uma inclinação que varia de 90 graus, para a postura de trabalho, a 120 graus, para a posição de relaxamento. E, como na cadeira de Moïse, o ajuste é obtido

não por um mecanismo específico, mas pelo simples movimento do corpo.

Já a poltrona desenhada por Lili Gayman e Julie Arrivé se distingue das demais por suas conchas de feltro sobrepostas que formam seu assento, dotando o móvel de condições extras de conforto. Além de uma inesperada área de armazenamento: entre as camadas do tecido. Disponíveis, segundo suas criadoras, para se guardar o que a imaginação mandar.

Um pouco como fez Grégoire de Lafforest, na mesa console Balka, que oferece um compartimento na parte inferior do móvel, “para acomodar todas aquelas pequenas coisas das quais tanto precisamos, mas que, uma vez não estando em uso, não sabemos bem o que fazer com elas”, como afirma ele.

Interessados em uma ocupação mais eficaz do espaço doméstico, os jovens designers Sophie Françon, Jennifer Julien e Grégory Peyrache, do estúdio Numéro 111, criadores da estação Insulaire, acreditam que os móveis, além de funcionais, podem ter função estrutural na montagem dos diferentes ambientes, respondendo a situações de conforto específicas.

Uma ocupação mais convencional, por exemplo, pode bem se estabelecer em torno do sofá, tomado pelo grupo como o “continente”. Outra, mais relaxada, diretamente no chão, ao longo do tapete. Elemento que, na proposta do grupo, surge como o “oceano”. Área sobre o qual “flutuam” todos os demais componentes da decoração, inclusive suas diversas ilhas – ou almofadas.

Peças que, a depender de sua posição – ao nível do chão ou apoiadas sobre



1



FOTOS: DIVULGAÇÃO

uma alça metálica –, podem ser empregadas como apoio para a cabeça ou encosto para o dorso. Conectando os dois territórios, o continente e o oceano, pequenas mesas com tampo removíveis, podem ser usadas tanto no chão quanto sobre os sofás.

Por fim, em se tratando de luz, a ordem entre os jovens franceses parece ser também entrar em movimento. A luminária de Pierre Charrié, que emite um sinal quando o ar está confinado, vem com sensor de CO₂ e pronta para montar. Da mesma forma, no lustre circular de Julien Groboz a luz pode ser orientada manualmente, por meio de um sistema que combina aro metálico, cabos interligados e coroa de LEDs. Só não vale deixá-lo parado.



1